

Tolera Construindo

Se procurarmos no dicionário o significado do verbo tolerar, vamos encontrar diversas definições, sendo que a grande maioria delas remete à ideia de suportar alguém ou alguma coisa no grau mínimo necessário.

Se eu digo, por exemplo, "Eu não gosto do meu chefe, eu apenas o tolero", significa que eu não tenho pelo meu chefe nenhum apreço, nenhuma simpatia. Todo o esforço que faço é para manter com ele um relacionamento limitado às minhas obrigações. Nada mais além disso.

E quando digo que não tolero uma pessoa, estou afirmando que não consigo ter com ela a mínima convivência. A simples presença daquela pessoa é algo insuportável para mim.

A partir do momento em que conhecemos o Evangelho de Jesus, sobretudo quando estudado sob a luz da Doutrina Espírita, o verbo tolerar adquire um significado muito mais amplo.

A tolerância deixa de ser algo que exercemos como uma árdua obrigação para suportar alguém ou alguma situação e passa a ser uma das mais importantes conquistas a serem alcançadas.

Para que fique claro porque todos nós devemos exercer a tolerância, vamos recorrer à codificação Espírita.

No *Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo III - *Há muitas moradas na casa de meu Pai*, no item intitulado *Diferentes categorias de mundos habitados*, Kardec nos apresenta uma classificação dos mundos de acordo com o grau de evolução dos Espíritos que neles habitam. Segundo essa classificação, os mundos podem ser:

1. Primitivos
2. De provas e expiações
3. Regeneradores
4. Felizes
5. Celestes ou divinos

A Terra é um mundo de provas e expiações onde o mal ainda predomina e o bem encontra dificuldade para agir. Embora a Terra esteja em pleno processo de transformação para mundo de regeneração, nenhum de nós tem dúvidas quanto à atual condição evolutiva do nosso planeta.

Já em *O Livro dos Espíritos*, na terceira parte da obra, que trata das leis morais, está o capítulo VIII - *Da Lei do Progresso*.

Na questão 779 Allan Kardec pergunta o seguinte:

A força para progredir, haure-a o homem em si mesmo, ou o progresso é apenas fruto de um ensinamento?

Kardec está perguntando se o homem progride através de seus próprios esforços ou se seu progresso vem apenas daquilo que é ensinado a ele.

E a Espiritualidade responde:

O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contacto social.

Ou seja, há uma enorme diversidade de caracteres na humanidade e cabe a nós compreender e respeitar os processos de evolução de nossos irmãos de caminhada, aceitando com serenidade o momento moral e espiritual em que cada um deles se encontra.

Então, se habitamos um mundo onde o mal ainda predomina e se precisamos estar em contato com pessoas de diferentes graus de evolução de forma que possamos ensinar a elas e aprender com elas, fica muito claro que a tolerância precisa ser exercida com indulgência, compreensão e resignação.

Só que o tema do nosso estudo hoje é *Tolera Construindo*. É praticar a tolerância de maneira a edificar algo de bom, útil e positivo nos outros e em nós mesmos. Como podemos alcançar esse objetivo?

Para facilitar nosso entendimento, vamos exemplificar com algo bem familiar a nós.

Quase todos nós que frequentamos a nossa querida FEIG ou outra Casa Espírita séria, já solicitamos um receituário mediúnico. Trata-se de uma orientação obtida pela psicografia na qual os Espíritos nos

fazem recomendações, sugerem leituras de obras espíritas e dão instruções com o objetivo de nos auxiliarem.

Todos nós temos **imperfeições**. São de **naturezas variadas** mas todos trazemos nossos defeitos. O que seria de nós se os mentores espirituais se recusassem a nos auxiliar por não tolerarem nossas imperfeições? Nossa jornada evolutiva seria **extremamente mais difícil e lenta**.

Porém, o que a Espiritualidade faz? Acolhe-nos com carinho e paciência; nos oferece todo tipo de auxílio - **receituário mediúnico, passe magnético, água fluidificada, nos visitam nos lares**; nos dão a valiosa oportunidade de **abraçar uma tarefa** aqui na casa e, principalmente, **nos acompanham em nosso dia a dia**. Fazem tudo isso e muito mais por nós, apesar de nossas imperfeições.

E tem mais: a grande maioria de nós, frequentemente **volta a essa casa em busca de auxílio pelos mesmos problemas**. Ou seja: buscamos ajuda, a Espiritualidade nos auxilia, nos oferece os recursos para melhorarmos, nós repetimos os mesmos erros, naturalmente sofremos as consequências desses erros e voltamos pedindo ajuda novamente.

E os mentores espirituais pacientemente nos acolhem e nos auxiliam **2, 3, 5, 10**, quantas vezes for possível.

Os mentores **não nos acusam de nada**, não evidenciam nossas imperfeições. É óbvio que eles sabem exatamente quais **são nossos defeitos**. Mesmo que quiséssemos esconder isso deles não seria

possível. Eles ouvem os nossos pensamentos, veem nosso perispírito, nos conhecem profundamente. Ainda assim não nos acusam de nada nem nos condenam.

Se por um lado a Espiritualidade evita destacar nossas imperfeições, por outro ela não nos incentiva a permanecer no erro.

Não foi assim que Jesus agiu diante dos homens? Ele curou e perdoou mas nunca foi conivente com nossos erros. Pelo contrário. Basta nos lembrarmos da passagem da mulher adúltera em que Ele pergunta à mulher se nenhum dos seus acusadores a haviam condenado. Ela disse que não e Jesus fala "Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais".

Tolerar construindo é mais do que simplesmente procurar compreender o irmão de caminhada quando suas imperfeições, suas dificuldades vierem à tona. É ter essa compreensão buscando, de alguma forma, edificar algo de positivo no outro e em nós mesmos.

E com quem devemos exercer essa tolerância que constrói positivamente? Na prática, com todo mundo.

Jesus, em Mateus 22:37-40 nos disse:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

Guardadas as devidas proporções, o Irmão Glacus disse algo semelhante sobre essa Casa:

O compromisso da FEIG é com o ser humano.

Quando o Irmão Glacus disse essa frase ele não restringiu esse compromisso aos mentores espirituais ou aos tarefeiros dessa casa.

Quando somos acolhidos aqui na FEIG, nós nos vinculamos espiritualmente a essa casa e passamos a integrar a grande família espiritual que ela constitui.

Então, o compromisso com o ser humano passa a ser nosso também. Nós viemos aqui em busca de ajuda e crescimento espiritual e recebemos. Passa a ser responsabilidade nossa distribuir, onde quer que seja, o bem que aqui recebemos.

Contudo, não podemos nos esquecer de que todo e qualquer trabalho de edificação deve ser feito com paciência e serenidade. Não devemos tentar impor à ninguém nossos pontos de vista. Não temos o direito de violentar consciências.

Se estamos felizes com a transformação que o Espiritismo promoveu em nossas vidas e queremos que os outros saibam dessa

transformação, então a melhor forma de se fazer isso é **através do exemplo**. Nada convence mais e melhor do que o exemplo.

Há um grupo de Espíritos ao qual nossa contribuição precisa ser dada com mais **ênfase**: a família consangüínea. Ela é nossa **primeira e mais importante célula de trabalho**.

No livro **Pão Nosso**, na lição número **117 - Em Família**, Emmanuel através da psicografia de Chico Xavier, nos diz que jamais conseguiremos ser **benfeitores de cem ou mil pessoas se não formos capazes de servir a 5 ou 10 criaturas**.

E por que a família em que renascemos é tão importante? É que geralmente nela se encontram nossos **maiores credores e devedores**. É no núcleo familiar que estão os Espíritos com os quais temos os maiores compromissos.

Vamos fazer uma breve explanação sobre como se dá a escolha dos Espíritos que irão integrar uma família consangüínea.

Quando estamos na **erraticidade**, que é o período que se dá entre duas reencarnações, temos uma visão mais clara da nossa realidade espiritual. **Livres da ilusão que a matéria** nos causa e diante do retrospecto daquilo que fizemos em nossas últimas existências, compreendemos o que realmente precisamos fazer para evoluir.

Com base em nossas necessidades, nossa próxima reencarnação começa a ser **programada por Espíritos responsáveis** por esse

planejamento. Se tivermos **méritos suficientes** podemos fazer algumas escolhas dentro dessa programação.

É desse planejamento que ficam determinados os **encontros** que darão origem às novas famílias e quais **Espíritos renascerão nelas**.

Como nossas existências físicas se sucedem, **nem sempre renascemos assumindo o mesmo papel** que tínhamos em existências anteriores dentro daquele grupo de Espíritos.

Então, aquele que na existência passada foi meu **pai**, hoje pode ser meu **filho**. Uma irmã de outro tempo pode ser agora a minha mãe.

A sabedoria e a justiça Divinas são perfeitas e elas irão nos situar na posição que melhor atende às nossas necessidades de evolução.

Por exemplo: um homem e uma mulher que no passado tenham se **comprometido por graves erros no campo do sexo** podem renascer na mesma família na condição de pai e filha ou de mãe e filho. Reencontrando-se nessas condições é provável que esses Espíritos **aprendam a ter, um pelo outro, o amor que desprezaram no passado delituoso**.

Espíritos simpáticos também podem escolher renascer na mesma família porque entendem que, estando juntos, podem continuar a se auxiliarem mutuamente em suas jornadas evolutivas.

Porém, como nós temos **problemas a serem resolvidos** com muitos irmãos de caminhada, alguns reencontros dentro da família

consagüinea serão marcados pela antipatia pois colocam lado a lado adversários do passado.

Isso explica porque dentro de uma mesma família encontramos pessoas tão afins e outras tão distoantes do grupo. Mas, como nos lembra Emmanuel, não existem uniões causais no lar terreno. Ninguém vai fazer parte de uma família sem que haja um propósito para isso.

Como Deus é infinitamente misericordioso, Ele nos concede a benção do esquecimento do passado.

Qual de nós teria estrutura para olhar para um familiar e reconhecer nele alguém que nos tirou a vida ou de quem nós tiramos a vida em existências anteriores? Um pai olhar para seu filho e identificar nele o algoz ou a vítima de um crime no passado?

Pouquíssimos de nós teríamos condições de conhecer essa verdade sem nos abalarmos profundamente. O mais provável é que a revolta ou o remorso tomasse conta de nós, comprometendo gravemente o programa de nossa atual existência.

O esquecimento temporário do passado não significa que Deus nos isentou do trabalho de reparar as faltas de outros tempos.

Nesse processo de aprender uns com os outros dentro da mesma família, é importante lembrar que a idade física não tem nenhuma relação com a idade espiritual. A Doutrina Espírita nos ensina que o

corpo procede do corpo mas o Espírito não procede do Espírito. Deus é quem cria o Espírito

Quando um homem e uma mulher se unem e **dão início à geração de um novo corpo físico**, o Espírito que habitará aquele corpo **não será gerado pelo casal**. Esse Espírito já existia e foi criado, como tudo o mais, por Deus.

Não importa o quanto um Espírito seja antigo e/ou evoluído; se esse Espírito reencarnou, obrigatoriamente **ele terá que passar pela infância no corpo físico**.

Por isso, é perfeitamente possível que o **Espírito que hoje está na condição de filho seja muito mais elevado do que o Espírito que é seu pai**. Chico Xavier foi uma criança; Divaldo Franco foi uma criança; Jesus Cristo foi uma criança.

Assim, a família consagüinea abriga Espíritos nos mais diversos graus de evolução, atendendo ao objetivo de nos auxiliarmos uns aos outros na jornada evolutiva.

Por essa razão devemos nos **esforçar por praticar a máxima tolerância possível com nossos familiares**. Certamente nós também **temos exigido tolerância da parte deles**. Não sabemos o que fomos ou fizemos em existências anteriores e por isso não devemos **desprezar a oportunidade que nos é dada de corrigir os erros do passado**.

A família é, de fato, nossa primeira e mais importante oficina de trabalho. Porém, **ela não é a única**.

Todas as nossas relações sociais nos oferecem ensejo de praticar a tolerância construtiva. É assim no nosso círculo de amigos, no ambiente de trabalho, na escola, na vizinhança, nos locais de lazer etc. Em todos os lugares encontraremos sempre a oportunidade de agir com tolerância, oferecendo algo de positivo àqueles com quem convivemos ou que simplesmente cruzam os nossos caminhos.

Podemos praticar a tolerância construtiva de inúmeras maneiras, mas para todas elas uma coisa se faz indispensável: a humildade.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo XIII - *Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita*, Allan Kardec e os Espíritos superiores nos falam que todo o bem que praticamos deve ser isento de orgulho e de vaidade. Não há espaço para esses sentimentos se desejamos verdadeiramente auxiliar o próximo.

Adianta ser tolerante com alguém e ficar dizendo: "Está vendo como sou paciente diante de suas imperfeições? Vê como sou uma pessoa tolerante?".

Isso seria arrogância e só serviria para causar constrangimento e humilhação a quem ajudamos. Não restaria nenhum sentimento de gratidão.

Orgulho e egoísmo são as duas maiores chagas da humanidade. São os inimigos que devemos combater constantemente dentro de nós mesmos.

Quanto às maneiras de tolerar construindo, a primeira delas é através do exemplo. Como dissemos antes, nada convence mais que o exemplo.

As pessoas nos observam o tempo todo. Não adianta nós pregarmos uma coisa e praticarmos outra. O que vai prevalecer no fim é aquilo que fazemos e não o que falamos.

Muitas vezes o próprio ato de tolerar uma falta alheia já é nossa contribuição para a construção de novos valores na pessoa que falhou conosco.

Imaginem que a pessoa esperava de nós o revide, o atrito, discussões, disputas e ela recebe nossa tolerância. O efeito de nossa ação pode ser extremamente benéfico.

Outro recurso valioso através do qual podemos praticar a tolerância construtiva é a palavra. Se através de nossas palavras demonstrarmos empatia e compreensão, nossa tolerância poderá ser ainda mais benéfica ao outro.

Mas precisamos ter cautela no uso das palavras. O momento admite palavras? Se sim, qual deve ser o teor dessas palavras, ainda que nossa intenção seja a melhor possível?

Essa é uma advertência que se aplica principalmente a nós, Espíritas. É comum nós ficarmos vislumbrados pelos ensinamentos que a Doutrina Espírita nos traz e ansiosos por passar esse conhecimento adiante.

A pessoa pode não estar pronta para compreender nossas palavras. O momento espiritual dela pode ser totalmente diferente do nosso. Isso pode fazer com que a pessoa pense que estamos querendo dar uma lição de moral nela.

Se falar apropriadamente ao outro é importante, há momentos em que ouvi-lo é ainda mais importante. Melhor dizendo: escutá-lo. Ouvir é a capacidade de perceber o som; escutar é prestar atenção àquilo que se ouve. A cada dia que passa eu me convenço de que saber escutar é uma virtude. Em geral as pessoas têm muita facilidade para falar e muita dificuldade para escutar.

Emprestar nossos ouvidos é também uma forma de construção positiva. Mas é escutar de verdade. É deixar que a pessoa sinta que nós estamos preocupados com ela, que queremos entendê-la. Talvez naquele momento, tudo o que a pessoa deseja é ser ouvida.

Por fim, mas não menos importante, uma das formas mais valiosas de se auxiliar alguém: o silêncio. Há situações em que não cabe nada mais a não ser o silêncio. Vou dar um exemplo.

Tenho uma grande amiga em São Paulo que tem uma filha de 16 anos. A garota tem um amigo na escola que é da mesma idade que ela. O garoto e o pai são ateus. A mãe do garoto é católica mas não muito praticante.

Esse garoto começou a fazer uso desses cigarros eletrônicos. Como a mãe não concordava com a atitude do filho, certo dia ela chamou a atenção dele. Havia alguns primos do garoto hospedados no

apartamento deles. Ele se sentiu humilhado pela atitude da mãe, os dois iniciaram uma discussão bastante acalorada e num gesto impensado, o garoto se jogou pela janela do apartamento em que moram no 4º andar.

A mãe entrou em desespero e começou a gritar. O pai, que estava tomando banho, saiu correndo para saber o que havia acontecido e logo que chegou no lugar onde o filho estava caído, encontrou o garoto consciente. O filho dizia que sentia muita dor e que não conseguia respirar.

O pai acomodou a cabeça do filho no colo com cuidado e começou a retirar da boca e do nariz dele enormes coágulos de sangue.

O rosto desse rapaz ficou destruído. Perdeu praticamente todos os dentes e parte dos ossos da face. Mas incrivelmente ele não teve sequelas na coluna, em nenhum dos órgãos vitais e nem no cérebro.

Qualquer pessoa com um mínimo de fé entenderia isso como um milagre. Saberia reconhecer que houve intervenção divina para que esse garoto não morresse.

Porém, o marido da minha amiga, em uma conversa com o pai do garoto, disse: "Deus deu a você a benção de poder ouvir seu filho e poder ajudá-lo naquele momento crítico em que ele estava todo ensangüentado em seu colo. Você acha que isso e o fato dele ter sobrevivido sem sequelas foi obra do acaso?". O pai apenas sorriu e deu de ombros.

Pergunto a vocês: **adianta dizer alguma coisa a esse pai no que diz respeito à existência e à bondade de Deus?** Não, definitivamente, não. Apesar de ter recebido essa gigantesca prova do amor e da misericórdia de Deus, ele continua irredutível em seu ateísmo.

Por isso a **única coisa que resta é o silêncio.** Se esse pai ainda não se encontra no momento espiritual de compreender o que Deus fez pelo filho e por toda a família, **só resta silenciar.** Se um dia ele buscar uma palavra de esclarecimento, **isso não deve ser negado a ele.** Até que esse dia chegue, se chegar, o silêncio continuará sendo o melhor a ser oferecido.

Em muitas ocasiões nós vamos **compreender que a única coisa que podemos oferecer ao outro é o nosso silêncio.** Por maior seja a nossa vontade de fazer algo pela pessoa, às vezes o silêncio é muito mais valioso do que qualquer palavra.

Uma outra questão importante sobre a qual devemos refletir é a seguinte: **a tolerância deve ser exercida sem limites?**

Emmanuel, novamente na psicografia de Chico Xavier, na obra ***Palavras de Vida Eterna*, na lição 171 - Paciência em Estudo** nos fala que **a tolerância não deve ser usada para encobrir o erro deliberado.**

Ele nos lembra que Jesus foi, no mundo, a expressão máxima da paciência mas nunca se mostrou passivo diante do mal.

O que Emmanuel quer nos dizer é que **não devemos fazer da tolerância um instrumento de convivência com o erro.** Se nossa

tolerância começar a servir como um incentivo para que o outro permaneça no erro, então ela cruzou o limite em que poderia ser benéfica e passa a ser prejudicial ao outro.

Um problema que vemos frequentemente na educação dos filhos é o excesso de tolerância de alguns pais. Eles não negam nada a seus filhos, não impõem limites a eles, deixam que tudo façam e quando se dão conta, os filhos se tornaram tiranos dentro de casa e delinqüentes na sociedade.

Mas esse problema não existe apenas na relação entre pais e filhos.

Há uns dois anos aproximadamente, passei no estabelecimento comercial de um amigo meu como faço frequentemente e ele disse que tinha uma coisa a me contar.

Para minha surpresa, ele me falou que estava se separando da esposa. Perguntei a ele o motivo e ele disse que já há muitos anos os gastos excessivos da esposa estavam comprometendo seriamente o orçamento doméstico. Estavam inclusive afetando o estudo das 2 filhas do casal.

Por inúmeras vezes ele chamou a esposa para conversar, falou que a atitude dela estava dificultando demais a vida dele. Afinal de contas, como comerciante ele tinha muitos compromissos e muitas responsabilidades e os abusos dela nos gastos traziam graves problemas a ele.

Depois de advertir a esposa por tantas vezes sem que ela mudasse seu comportamento, ele chamou as filhas para conversar e explicou que iria se separar da mãe delas. As filhas, crescidas o bastante para compreender o que se passava, disseram que já haviam percebido os transtornos causados pelo descontrole da mãe e disseram que compreendiam o pai.

Quando esse meu amigo, que também é espírita, me falou sobre sua decisão ele disse: "Tenho medo de estar fazendo a coisa errada. Será que não é minha obrigação aceitar todas essas coisas que minha esposa está fazendo?".

Eu disse a ele: "Olha, essa é uma decisão que cabe exclusivamente a você. Como espíritas, sabemos que somos colocados junto àqueles com quem temos ajustes a serem feitos. Na minha opinião - e é realmente apenas a minha opinião - ninguém é obrigado a aceitar indefinida e incondicionalmente o erro do outro. Isso seria um incentivo para que o outro jamais mudasse".

Obviamente que eu não falei isso para incentivar meu amigo a por um fim no casamento. Como eu disse, aquela era uma decisão que cabia exclusivamente a ele. O que eu disse a ele é que Deus não nos impõe a obrigação de ser conivente com o erro do outro. Se assim fosse, a humanidade não iria progredir nunca.

Saber o ponto exato em que nossa tolerância deixa de ser construtiva e passa a compactuar com o erro é tarefa difícil que exige auto conhecimento e muita reflexão.

A Terra é para nós lar, hospital de almas, oficina de trabalho e escola.

Todos nós aqui nos encontramos na condição de alunos necessitados de aprendizado.

Procuremos ser bons aprendizes do Mestre Jesus nesse planeta escola, esforçando-nos por ser tolerantes e úteis a quem quer que seja e humildes nos momentos em que necessitarmos da tolerância e dos ensinamentos de nossos irmãos de jornada evolutiva.